

UM OLHAR PARA O ADOECIMENTO DOCENTE COMO PRODUTO DA OFENSIVA NEOLIBERAL NA EDUCAÇÃO: “QUEM CUIDA DE MIM? – O FILME”

Arthur Pedro Moraes da Silva¹

Barbara Santos²

Nesta resenha nos dedicamos a analisar o documentário “Quem cuida de mim? - o filme” que denuncia o adoecimento docente através do relato de experiências de professores e professoras. O curta-metragem apresenta possíveis causas para o crescente mal-estar na categoria, o que em nossa perspectiva se relaciona diretamente com as recicladas ofensivas neoliberais ao mundo do trabalho.

“Quem cuida de mim? - o filme é um documentário que apresenta, a partir de relatos de professores, a realidade urgente acerca do trabalho docente e suas dimensões de precarização e alienação.

Produzido e dirigido por Afonso Celso Teixeira, diretor do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro (SINPRO-RJ), e Cristiano Requião, diretor de cinema e fotografia, além de roteirista. Lançado em junho de 2025, a obra apresenta a demanda do ofício docente, relacionada às suas condições de trabalho e leitura social: o adoecimento e mal-estar destes profissionais.

Ao trazer as falas de professores e professoras que, embora trabalhem em segmentos distintos e apresentem problemáticas diversas, apontam para os/as telespectadores algo uníssono entre elas: todas encontraram o mal-estar em seu caminho profissional na área da educação.

Na abertura do curta-metragem, nos deparamos com recortes de reportagens sobre o adoecimento de profissionais da educação, suas possíveis causas e consequências, apresentando o “apagão docente” como um problema a ser enfrentado por este tempo. No decorrer do filme, a psiquiatra Patrícia Schmid apresenta algumas possíveis causas para o

¹ Mestrando em Educação pela UFRRJ e Pedagogo pela UniCarioca. arthurpe.educ@gmail.com

² barbaraalmeida.ufrj@gmail.com

adoecimento mental docente, entre eles: a) falta de valorização salarial; b) condições precárias de trabalho; c) falta de reconhecimento social; d) sobrecarga da carga horária de trabalho; e) falta de tempo para o lazer e afins.

Todos esses marcadores são reafirmados nas declarações de docentes que, de maneira muito sensível e corajosa - ao mesmo tempo que relatam suas realidades - denunciam uma tragédia anunciada para a categoria de professores e professoras brasileiras.

O professor Bruno Muller participante do documentário, nos apresenta uma fala muito comum nas escolas brasileiras:

Eu lembro que quando eu comecei a dar aula, eu tinha aquela felicidade de estar em sala de aula... E os mais experientes (os professores e professoras mais experientes) falaram: 'Pô, já tive isso, já tive essa chama no olhar... Agora o sistema vai te massacrar, tu vai perceber que isso daí tu vai acabar deixando para trás. (Cristiano Requião, 2025).

Essa afirmação aponta o processo de desesperança que se constrói ao longo da jornada docente e nos alerta para uma realidade sistêmica e estruturante da lógica do capital frente à educação.

A professora Bárbara Peres, que também contribui com o curta dando seu relato, quando entrevistada após o lançamento, disse:

(...) acho que o que mais me pegou, assim, foi perceber que realmente as questões que estão sendo trazidas ali, elas são coletivas... Assim... não é uma percepção minha, não é algo que está acontecendo comigo. É algo que está acontecendo de maneira massiva com todos os professores, sejam os mais experientes ou sejam os mais novos, como é meu caso. E, assim... nesse momento eu estou vivendo uma grande desmotivação (...). (Cristiano Requião, 2025).

Nesse cenário não há coincidências: estamos diante de uma problemática estruturada e aprofundada pelas nocivas lógicas neoliberais que têm o adoecimento e mal-estar sendo capazes de adoecer fisicamente e também capturar as subjetividades dos indivíduos de modo que são dilacerados psiquicamente e tem suas potencialidades limitadas (Giovanni Alves, p. 225. 2008).

De acordo com Ricardo Antunes,

[...] em sua lógica destrutiva, o capital não reconhece nenhuma barreira para a precarização do trabalho. A exploração sem limites da força de trabalho é em si expressão das contradições estruturais de dada forma de sociabilidade que, ao mesmo tempo em que não pode prescindir do trabalho vivo para sua reprodução, necessita explorá-lo ao extremo, impondo-lhe o sentido mais profundo de sua mercantilização: a abreviação de seu tempo de uso como resultado do aprofundamento, pelo adoecimento, de sua característica de mercadoria de alta descartabilidade. (Ricardo Antunes, p. 423. 2015)

Ao produzir um recorte no cenário do trabalho docente, essa lógica se tensiona ainda mais, pois a natureza do trabalho em si e a forma de produção e a produtividade, impostas

no capitalismo, não são equivalentes à função histórico-político-social que a educação possui (Kênia Miranda, p. 186. 2017).

Embora para o Capital a escola não seja diretamente produtiva, (Gaudêncio Frigotto, 2010), há uma constante tensão e disputas no campo educacional dada a sua natureza formativa - tanto em aspectos ideológicos quanto nas dimensões de formação para o trabalho.

A escola (ambiente de trabalho da maioria dos professores e professoras e o espaço constituído para ofertar à educação formal obrigatória e que deve ser garantida a todas as pessoas) tem em sua gênese a premissa do impacto social dos sujeitos na construção e transmissão de conhecimentos.

Por essa ótica, a escola se pretende uma instituição de formação integral dos sujeitos que por ela passam, formando-os para que sejam capazes de analisar a realidade e atuar nela, bem como vivenciar processos de alteridade nas dinâmicas sociais, de forma autônoma e holística. É, portanto, “inexoravelmente política” (Aparecida dos Santos, p.8. 2012).

Entretanto, esta instituição tem sido cada vez mais disputada pelo capital, através dos grandes empresários da educação e das empresas privadas responsáveis por parte da financeirização já em curso, a fim de torná-la mera reprodutora de ideologias neoliberais.

Esta premissa resultaria na formação de trabalhadores e trabalhadoras conformados com a desigualdade estruturada propositalmente no capitalismo (Perry Anderson, p.2. 1995). Indivíduos conformados e alienados, aceitam e reproduzem as ofensivas do capital, muitas vezes em consenso (Antônio Gramisci, 2001) e adoecidos.

Quando docentes se confrontam com tamanha incompatibilidade e contradições entre a própria concepção ontológica para a qual constituíram conhecimentos e habilidades no processo formativo, defronte às recicladas formas precárias de trabalho no capitalismo, as suas experiências profissionais tornam-se adoecedoras (especialmente na Educação, onde a relação do trabalho deveria, a prioridade, ser essencialmente orgânica e afetiva). Há um mal-estar, o adoecimento é também psicológico.

De acordo com Giovanni Alves (2008), esses crescentes adoecimentos e mal-estar psíquicos também podem ser uma forma de defensiva, ou enfrentamento, mesmo que inconsciente, às novas metodologias do neoliberalismo no mundo do trabalho. Talvez se trate de resistência orgânica do corpo individual, que reverbera em uma classe inteira.

Considerando que o mal-estar docente advém de um problema estrutural e estruturante, a fala do professor Regis Arguelles nos indica uma possibilidade:

O problema de transtorno mental na profissão docente é hoje uma questão endêmica. Portanto, ela deve ser respondida a partir de soluções coletivas. É preciso a gente pensar em políticas e em saídas coletivas da categoria, e nisso o sindicato é fundamental, para que aquele que adocece, aquele que tem um problema de transtorno mental, não procure saídas que o isolam cada vez mais e vão fazer, ao fim e ao cabo, que ele abandone a profissão. (Cristiano Requião, 2025)

Ricardo Antunes (2015) em seu artigo “A sociedade dos adoecimentos no trabalho”, corrobora com essa visão ao afirmar que, “a ferramenta-sindicato ainda é imprescindível, enquanto perdurar a sociedade do capital, com sua exploração do trabalho, suas precarizações, seus adoecimentos e seus padecimentos corpóreos físicos, psíquicos etc”.

A sindicalização nos parece ser um possível farol para enfrentar a dura realidade da categoria docente e construiria, por conseguinte, a possibilidade de afirmação das subjetividades humanas, negadas na produção do e para o capital (Giovanni Alves, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importante e corajosa produção deste documentário coloca luz e lente sobre uma questão crônica da categoria docente no Brasil que é o adoecimento frente às novas formas de trabalho, organizadas a partir de perspectivas sociais neoliberalistas.

Ao permitir que docentes se apropriem de suas próprias vozes, a produção audiovisual produz uma atmosfera de catarse e denúncia. Retoma um importante pilar estruturante da educação: o diálogo e afetos como pontes fundantes de caminhos revolucionários e disruptivos. Torna-se evidente a necessidade de reformas estruturantes na base do capitalismo que produzam um projeto de sociedade capaz de anunciar caminhos de esperança a partir da educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni Antonio Pinto. **A subjetividade às avessas: toyotismo e "captura" da subjetividade do trabalho pelo capital**. Cad. psicol. soc. trab. [online]. 2008, vol.11, n.2, pp.223-239. ISSN 1516-3717.

ANDERSON, Perry. **Balanço do neoliberalismo**. In: SADER, Emir. (org.) **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANTUNES, Ricardo. PRAUN, Luci. **A sociedade dos adoecimentos no trabalho**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 123, p. 407-427, jul./set. 2015

CINEASTA, Cristiano Requião. **Quem cuida de mim? - o filme**. Youtube, 14 de março de 2025. Disponível em <<https://youtu.be/SKl6QIMKjEk?si=chLoCm2P8mMsx4Ju>>. Último acesso em 02 de outubro de 2025.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. vol. 2. 2 ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MIRANDA, Kênia. **Lutas pela educação no Brasil recente**. Niterói: Eduff, 2017.

SANTOS, Aparecida de Fátima Tiradentes dos. **Pedagogia do mercado: neoliberalismo, trabalho e educação no século XXI**. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2012.